

# NEM TUDO É O QUE PARECE

Lincoln de Azevedo Vargas

Aquele que é imortal e possui o controle de tudo o que lhe acontece parece-me auto condenado à eterna monotonia, pois vive num mundo sem mistérios nem surpresas.

Alan Watts.

# A F E S T A

- Senti mesmo como se tivesse perdido meu corpo,

Dom Juan.

- E perdeu.

- Quer dizer, eu não tinha mesmo corpo?

- O que é que você acha?

- Bem, não sei. Só posso dizer-lhe o que eu sentia.

- É só isso que existe. Na realidade... o que você sentia.

(Carlos Castanëda e Dom Juan.)

Em "Os ensinamentos de Dom Juan"

Carlos Castanëda.

Carla, ao abrir a janela de manhã, sentiu que o frio lhe resfriava o nariz. Nenhum azul: somente o cinza, o branco e as árvores petrificadas. Estremeceu encolhendo os ombros, enquanto apertava o quimono contra seu corpo magro. Teve, repentinamente, uma sensação de alegria enganando no peito, mas que se desfez tão logo o relógio gritou na cabeceira da cama. "Muito tarde", exclamou baixinho. O quarto perdia sua intimidade no fio da janela aberta, perdia seus odores e quentura. Todavia, como ela própria, permanecia ainda morno.

O armário do banheiro estava aberto, os vidros alinhados nas prateleiras, e havia um perfume a rastejar pela frialdade dos ladrilhos. Carla foi até o grande espelho sem moldura que tomava toda a parede. Deixou cair o quimono. Ficou olhando-se nua na distância do reflexo, a mulher do outro lado a olhar para ela. Surpreendeu-se, então, fria, consciente de seus pés no chão. Abriu o chuveiro com um esticar de braço. Displícemente, prendeu os cabelos à nuca, estudando, no ato, as axilas bem raspadas. Dilatou as narinas de modo sensual, para ver o efeito. Gostou de si mesma e se colocou sob a ducha. A boa sensação da água.

Deixou que a água a possuísse, que a fizesse de cristal. Largou-se efetivamente ali, sem tempo, sem desejo de ter tempo. Urinou, com calma, o líquido escorrendo-lhe pelas pernas, fazendo-se mais quente que a água. No banheiro, somente o som do chuveiro elétrico.

Relaxava, mexendo os ombros vagarosamente. A festa começou a surgir em sua mente, numa lembrança fugidia. Um filme nebuloso, antigo. De início, as pessoas e seus rostos pálidos; depois, as mãos das pessoas segurando copos. Explosão de risos, música calma. Sentira-se bem, ao tomar o primeiro uísque, a bebida esquentando em seu íntimo. Vagueara entre as pessoas, os olhares, tentara degustá-las. Acenderam-lhe um cigarro; tragara forte. Havia saído para a varanda, sem pressa, mas com uma sensação inconfundível na medula, um prazer transparente a cortar-lhe o peito. Seus músculos estavam afrouxados, como se ela dormisse. Não pronunciara, até aí, uma só palavra. Nesse momento, viu o rapaz. Na frente dele, meio a encobri-lo, uma planta vermelha, subindo de enorme vaso. Alguns bancos espalhavam-se sob a noite, brancos. Ela se deixou em um deles. Refletiu que aquele rosto lhe era familiar. Como se o visse sempre, mas sem muita atenção. Baixara a fronte e, subindo o olhar, ele estava ali, muito junto, seu corpo esguio e presente.

- Você tem andado o tempo todo pela casa – Disse o rapaz. – Isso não é bom.

- Como?

- Eu não tirei os olhos de você. Gostaria que pudéssemos conversar.

- Conversar...

- Meu nome é Alex.

Ela o fixava, tendo a impressão de que não conseguia decifrar a cor de seus olhos. Talvez um tanto azuis, mas de uma tonalidade dispersa. Como se inalcançáveis. O rapaz olhava firme, perscrutando.

- Eu disse que...

- Não importa. Eu quero você. E você será minha.

- Não pretendo ser.

- Você será.

Carla desligou o chuveiro. Envolvida na toalha, sem enxugar-se, seguiu para o quarto. Começou a se vestir lentamente, metendo-se na calcinha, na calça de brim, na blusa branca. Não pôs sutiã. Em seguida, como se quisesse fugir de seus pensamentos, pegou a bolsa pequena, escovou os cabelos e correu pelas escadas, enquanto, atrás, a porta batia automaticamente.

A rua, cheia de sons e veículos, tocou-lhe a percepção. Os cheiros todos feriram-lhe as narinas. Um desejo rápido de voltar ao apartamento e estar só passou-lhe pela mente; entretanto, sem esforço, seguiu na direção de uma lanchonete.

A manteiga derretia no pão; o café estava forte. Devorou a refeição com prazer, quase esquecida de tudo em volta. Foi surda durante alguns instantes no simples ato de comer. Ao pagar a conta, todavia, a cidade engoliu-a de novo. As lembranças fugidias pressionavam levemente. Esteve no ponto quase por dez minutos, até que, com satisfação, viu-se sentada em uma das poltronas do ônibus e abriu bons olhos para apreciar a vida. Gostava daquilo: O ônibus deslizando, a cidade distante, o sentido de perspectiva e conforto.

Lembrava-se, marcantemente, das tēmporas do rapaz: transpiravam tensão. Não algo doentio, mas uma sensação de calidez, como se ele pudesse ousar, sem pudores. Como se tivesse poder sobre os outros. A tonalidade dispersa dos olhos, talvez azuis, irritava, por não permitir alcances. Oferecia insegurança e fascínio. Mãos de dedos longos, mãos brancas, de pianista. Mãos que haviam tocado seu corpo, que a haviam tocado por inteiro, com força. Ele tinha nariz adunco. "O nariz era adunco, mas bonito", pensou.

Deixara o banco na varanda um tanto sufocada, fora à mesa principal transbordante de salgados e bebidas e servira-se de uma boa nova dose de uísque. Pedira outro cigarro a qualquer pessoa e, sem atinar porquê, tentara evitar sentar-se no raio de visão do rapaz. Sabia-o lá fora.

Circulara pela festa, entre as pessoas, divertindo-se na calculada solidão que imprimia a si mesma. Afinal, achou um canto mais escuro, no qual se meteu quase escondida. E permaneceu dispondo das expressões das pessoas, as caretas, os risos, na satisfação de fazer-se só. Ela poderia ter ficado todo o tempo naquele canto de festa, sem tempo.

Alex surgiu num relance, de repente. Colocou-se na frente dela; aproximou o corpo comprimindo-a. Beijou-lhe na boca um beijo quente e longo. O copo despencou da mão de Carla, o cigarro tombou, mas não houve qualquer som. Ele perscrutava já seu colo com lábios rápidos. Então, o vestido vermelho que sempre desejara e nunca tivera foi levantado e ela foi penetrada. Uma lâmina de dor e prazer machucando-lhe o íntimo. O movimento de ir e vir sufocando-a num crescente incomparável. O rapaz, ela, ambos explodindo no gozo.

A boca vazia de dentes do motorista sorria. Todos olhavam para ela. Chegara ao serviço. O motorista a conhecia da rotina do horário e punha nela aquele sorriso oco e silencioso, para avisar que haviam chegado. Carla caminhou por entre os bancos e caras.

Viu-se espremida entre muitos hábitos no elevador. Quando foi despejada no último andar, Renata, a amiga, estava aos seu lado.

- Querida, você estava ótima, ontem!

- Como?

- Ué, Carla, aquele "four de ases" foi demais! O Paulinho ficou louco!

Marta fixou a outra. O jogo de pôquer na noite anterior. Haviam jogado bastante. Ela fora para o apartamento já tarde, por volta das duas. E caíra na cama num sono profundo. De súbito, sentiu uma cólica descendo-lhe pelo abdômen.

Quando, à noitinha, voltava para casa, e descendo do ônibus, viu o rapaz da tinturaria, de uniforme vermelho, firme sobre sua bicicleta. A figura familiar do entregador de roupas, sempre a entrar e a sair do edifício. Ele passou agilmente, sorrindo para Marta, com seus olhos de uma tonalidade dispersa, talvez azuis, e com uma certa tensão nas têmporas. Olhava, apesar de sua figura fugidia, cheio de segurança, perscrutando.

## UMA TAÇA PARA BRINDAR COPACABANA

“Só há duas espécies de gente deveras interessantes: as que sabem absolutamente tudo e as que nada sabem.”

Oscar Wilde

Alir pensou que fora uma brisa, surgindo suave como querendo avisar sobre algo novo. Ele sentira o frescor na pele do rosto e havia, irremediavelmente, uma nova disposição em seu íntimo. Debruçou-se por sobre a janela, tentando alcançar a nesga de mar lá adiante. Antes, podia ver mais de Copacabana: agora, envelhecera e lhe haviam tirado este prazer antigo, mas era ainda o limite entre Copacabana e Ipanema e um pedacinho de azul alimentava a boa lembrança que valia como a força infinita do mar, suposta e não vista.

Curioso que ao avistar a moça lá embaixo no Condomínio, ato contínuo sentiu o desejo de olhar a nesga de azul. Parecia misturarem-se a beleza do rosto que vira passar e aquela esperança de mar, de ondas, de profundidade. Seguiu-a com os olhos, enquanto ela ia puxando uma mala sobre rodinhas e procurando o elevador. Viu-a acionar o botão e esperar, os cabelos dourados que o sol caindo na tarde tecia com fios brilhantes. Dali, da janela de seu apartamento, percebia-lhe as nádegas nuas, mas sob a pressão suave da calça de moletom.

A jovem, de repente, olhou para o alto, como se conferisse, como se quisesse conhecer o lugar ao qual recém-chegara. Ele fugiu o rosto, escondeu o corpo, sentindo-se, de imediato, absurdo e tolo. Ela desapareceu, enquanto arrastava a mala e fechava a porta do elevador atrás de si. Alir foi acompanhando o subir do aparelho, calculou os andares e percebeu que a moça ficara no décimo pavimento, no bloco em frente ao seu, um andar abaixo, portanto. Viu-a abrir uma janela e conheceu a marca suave de entre os seios, os montes ternos limitados na blusa clara.

\*\*\*

A reunião do condomínio fora marcada com grande antecedência. Alir olhava a comunicação afixada na Portaria e, como sempre, dizia a si mesmo que não iria.

- Já sei que o Doutor num vai, não é não, Doutor? – Pedro, o Zelador, afirmava a pergunta.

- Acertou em cheio, Pedro.

- É, vai ter bastante gente dessa vez. – Informou ele. – Tem até quatro novos moradores que vão.

- É mesmo? – Interessou-se Alir.

Pedro fez que sim com a cabeça.

- Sabe aquela loura, nova no Condomínio? – Continuou. – Mora com uma outra, feinha, feinha... – E havia uma ironia, uma tonalidade nova em sua voz.

- 10º andar. – Assinalou Alir. – Só não sabia que morava com uma companheira.

- Ela me disse que vai. Deu certeza. – E Pedro olhava alir com olhos estranhos.

- É, interessante, Pedro. – Alir sorriu para o rapaz. – Muito interessante.

- O Doutor vai ou não vai? – Brincou Pedro, abrindo um sorriso.

- Bem, tudo é possível. Tudo é possível.

\* \* \*

E fora. Realmente, muitos condôminos também, aglomerando-se no salão de festas para a reunião. Os quatro novos moradores lá estavam igualmente. Dentre eles, a loura, aquela que Alir vira chegar e agora podia apreciar em calmo desprendimento. Do ângulo em que se encontrava, observava-a de perfil, o nariz levemente desenhado, olhos estonteantes, cujas íris deslizavam em um branco de leite. As pernas longas cruzadas deixavam no ar um pé elegante e visível na sandália de couro. Sorria nos lábios carnudos, mas não disse palavra durante toda a reunião. Ao votar no novo Síndico, sua indicação fora um murmúrio que o Presidente, provavelmente, intuía.

Todas as atenções eram para ela. Nem uma só pessoa ali reunida, deixara de olhá-la. E, terminada a Assembléia, deixara o local sem um aceno, sem um cumprimento, enquanto tudo ao redor eram murmúrios.

\* \* \*

A paixão se instalara em Alir, algo avassalador. Isto de tirar de tudo qualquer motivação. Sentia a mulher loura nas retinas, o perfil grego, as longas pernas, um mistério nos olhos argutos. Na noite seguinte à reunião, atônito ainda – e matutando alguma forma de aproximar-se dela -, optou por fazer uma sauna. Desceu ao play, alcançou a piscina deserta de moradores, de onde, por sobre um muro, apreciou o mar de Copacabana. Dali, diferentemente de seu apartamento, podia ainda ver a praia em boa plenitude. Amou aquele lugar, aquela visão, como nunca antes desde que chegara ao Rio de Janeiro.

Seguiu, finalmente, para a sauna. Despiu-se da camiseta, pôs as sandálias ao lado, pendurou sua toalha. Empurrou a porta de madeira. O calor lhe tomou por inteiro, o cheiro de eucalipto ardendo nas narinas. Suava já muito quando olhou pelo visor de vidro. Agora, lá fora, junto ao muro e à piscina, havia duas pessoas, como manchas impedindo as luzes de Copacabana. A jovem loura e sua companheira. Estavam de mãos dadas.

Olharam-se intensamente, desenhando entre seus perfis uma taça. Dentro da taça, as ondas de Copacabana, despejadas. As duas mulheres se beijaram. Alir não tinha com o que brindar seu amor à Copacabana. Ou a mulher por quem se apaixonara.

## O ENCONTRO

“Quem nos desviou assim, para que tivéssemos um ar de despedida em tudo que fazemos?”

Rainer Maria Rilke (Oitava Elegia)

A casa permanecia clara e calma na passividade dos objetos. Um frágil odor de bebida, quase indefinido, como se fizesse parte de tudo. Já desperto e a presença do mar. A eterna expectativa da água parada. Nenhum vento, nenhum suspiro. Somente a surdez paliativa que vence os pássaros nesta hora da manhã. O zumbido nos tímpanos.

Ele se ergueu da cama e olhou o próprio corpo no espelho. Lá dentro, na distância da porta atrás, viu Lúcia a fixá-lo. Seguiu até ao banheiro, deixando que a chuveirada lhe tomasse a pele e a disposição. Quando à pia, colocou o rosto muito próximo do vidro; nada percebeu em seus olhos, mas entendeu as rugas a despontarem, poucas e sutis. Os lábios começavam a descer um tanto e a face esquerda cansava-se mais, pelo que podia sentir. Lembrou-se do corpo visto no espelho do quarto e pensou que se conservava, apesar dos quarenta e oito anos, em boa forma. “Como me mantenho?”, refletiu. Esfregou vigorosamente os dentes; depois, apreciou-os certos, brancos.

Lúcia superficializava-se além do vapor que a xícara de café espalhava pela varanda. Ele escondia o rosto, metia-o no jornal. Ela o olhava através dos olhos azuis, cristalinos. Sorvia o líquido paulatinamente, as narinas dilatando-se a cada gole. Cabelos castanhos que lhe escorriam aos ombros e protegiam o rosto fino. Lúcia o olhava através do jornal.

- É hoje, outra vez, não é? – perguntou ela, finalmente.

- É.

O mar cheirava só. A eterna expectativa da água parada. Ela se levantou e foi até à espreguiçadeira, deitando-se nela, como no passado e no futuro. Esticou o corpo. Virou o rosto, vendo-o ainda através do jornal.

- às vezes, fico pensando... – Disse Lúcia. – Acho estranho pessoas como você tomarem café, tranqüilamente. Sabe? Como todo mundo.

Ele abaixou o jornal e a encarou com firmeza. Levantou-se, seguindo para a sala.

- É a última vez, Lúcia. A última vez – disse.

A mulher deixou a vista passear pela paisagem. As montanhas estavam postas na distância que o mar impunha e eram poderosas, invejosamente belas. Lúcia sentiu que jamais pudera, em verdade, apreciar o mar ou as montanhas. Não saberia ter consciência do mar.

\*\*\*

Marcos Medeiros abriu o volumoso livro e o descansou sobre as pernas. Seu corpo, muito gordo, fazia gemer a velha cadeira de vime. Os cabelos escasseavam, deixando à mostra uma longa testa. Os lábios grossos não demonstravam firmeza, mas encontrava-se certa expressão de bondade neles.

Lançou os olhos castanhos e pequenos à figura da esposa que lia, por sobre os óculos, um livro de Kafka. “Pr´a que os óculos?”, pensou ele. Ela era também gorda e seu rosto absolutamente comum.

- O que há em Kafka? Não sei o que você vê nesses livros, Marta.

- Eu gosto de Kafka – retrucou a mulher sem levantar os olhos. – Que mal existe?
- Nenhum mal, nenhum mal, Marta. – Respondeu

Ele abriu o volume que tinha sobre as pernas. Marta fixou-o com ternura.

Esse livro aí é importante, não é?

- Marta, você...
- Desculpe, querido. Estou brincando. Sei que é importante.
- Ah, como é importante! – Exclamou Marcos. – Registreí nele todas as coisas importantes que aconteceram comigo, até hoje. Tudo, tudo que foi gratificante, tudo que teve significação e beleza... – Sua voz falhou um pouco.
- Não fique triste, Marcos,. Eu estava só...
- Brincando, eu sei – ele pousou os olhos no volume, balançando a cabeça. – Lembra-se de nossa formatura, do dia? Está aqui, cada momento! E quando ganhei o prêmio da Associação Comercial? Tem que ser importante!

Eu sei, eu sei, Marcos.

- Você se recorda da festa na Fazenda, quando o pessoal da Firma me homenageou?
- E você bem mereceu. Afinal, subiu na Firma deixando muita gente pra trás.
- Muita gente que tinha interesses. Só Deus sabe, Marta. Procuram-me até hoje, para pedidos, negociatas. Esbarram em minha integridade – ele disse, os olhos piscando.
- Orgulho-me de você – exclamou Marta, estudando-o, atenta.
- Nada melhor do que uma consciência limpa – resumiu Marcos.
- Espera, espera... – Começou a mulher, tirando os óculos do rosto. – Estou me lembrando de alguma coisa...
- O quê?
- Estamos em 1994!
- É claro. Por que?
- O José, lembra-se?
- Zé Peixoto?
- Ele mesmo, Marcos! – Marta fez uma careta zombeteira, simulando censurá-lo.
- Meu Deus do Céu! O José! – Ele balançou o corpanzil e levantou-se da cadeira.
- O que foi combinado entre vocês! – Exclamou ela.
- O combinado! – Repetiu Marcos.



- Durante a formatura, vocês combinaram, na festa, que iam se encontrar, vinte e cinco anos depois...

- Isso, vinte e cinco anos.

- Fossem quais fossem os caminhos que seguissem, se encontrariam.

- É mesmo, na Faculdade... A data marcada... Vinte e oito de junho. Não é?

- Virgem Santa, Marcos, é hoje!

- Hoje! Santo Deus, é isso mesmo. José, hoje, na Faculdade! Eu não acredito!

- Oito horas, eu acho!

- Oito? É, oito horas!

- Vá ao encontro, querido! Será emocionante!

- Ora, não creio que José se lembre. Coisa de jovens.

Ele pode ter levado a sério. Será curioso, querido, e você não vai perder nada... Pode trazê-lo para jantar!

Realmente seria interessante...

Veja como as coisas acontecem. Lembrei-me disso hoje, justamente no dia do encontro! – Disse Marta, com visível satisfação.

Os dois permaneceram em silêncio, olhando-se nos olhos.

Não parece algo sobrenatural? – Perguntou Marcos, por fim.

- Sem dúvida – respondeu Marta. – E por que será que você não anotou isso aí, no seu livro?

- Não sei, não sei, Marta. Talvez por não acreditar que José pudesse ter levado o combinado a sério.

José sempre gostou de pactos, Marcos, não se recorda?

Marcos Medeiros saiu para a rua sentindo-se particularmente bem. Um raro sentimento de fraternidade pousou-lhe na alma. Refletiu, na verdade, os lábios puxados num sorriso, sobre a amizade com José. Saiam sempre, naqueles anos de juventude. Lembrava-se do amigo, falante e sempre a propor acertos. Tinha, sem dúvida, uma interessante queda para os pactos, por aquilo de se marcar, de se cumprir. O bom José, de olhos escuros e sinceros.

\* \* \*

Lúcia não conseguia conciliar o sono. Com a noite, um frio intenso. A cortina jogada para fora, ao vento. Ergueu-se da cama e fechou a janela. A arma disparou com um estampido enorme. Marcos Medeiros deslocou-se para trás, uma explosão de sangue a lhe fundir o rosto. Ela voltou à cama e se deitou encolhida sobre o ventre. Sentia, com absoluta perfeição, o bater rítmico do coração. Novo disparo e Marcos, afinal, foi lançado ao solo, o peito em fogo. Os olhos dele fizeram-se de vidro e Lúcia cerrou os seus para não ver. O frio desapareceu sob o calor do cobertor.

Veio um sono leve, incerto, que não descansava. Tudo parecia sem tempo. Ela ficou, em fragmentos de vigília, vigiando a porta, aguardando o ruído das chaves. Depois, teve

impressão de dormir mais profundamente. Ao abrir os olhos lá estava ele encostado á parede do quarto.

Acabou? – Perguntou ela.

Acabou. Para sempre.

Qual era o nome dele?

Marcos Medeiros.

Nada significava, não é, José?

Não, nada significava.

# O EXECUTOR

“Um homem que não se inclina perante coisa alguma, não pode jamais suportar a carga de si mesmo.”

(Dostoievski, em os “Possessos”.)

Com um gesto largo, o Executor pega a maça de ferro e a acaricia. Quer ser visto nesta demonstração de estudado afeto pelo objeto que vai usar e, assim, ao fazê-lo, lança um olhar à multidão comprimida logo adiante. Ato contínuo, quase que como acionadas automaticamente, algumas pessoas cochicham; trocam-se hálitos e odores de corpo, na excitação. Talvez se pudesse adivinhar no rosto deste carrasco um sorriso, mas não, nele há uma expressão de dura satisfação, comoção contida numa brancura macilenta. Nenhuma demonstração de ansiedade; sua calma aparente faz, por assim dizer, parte da solenidade de que se reveste a execução.

Ele, sem dúvida, gosta de ser visto pela população. Sabe que todos o observam neste momento e que esta atenção só será transferida para outra pessoa quando o culpado entrar em cena. No entanto, o que, efetivamente, o envaidece, é ser o representante do poder do rei, seu gládio. Ele cumprirá a sentença, marcará no corpo do culpado e em sua alma o que foi decretado. Aplicará a lei, tornada carne na dor infringida. Isto lhe aquece o peito num calor sufocante; mal respira, mas, apesar disso, regozija-se.

Há um calor na tarde e as poucas nuvens que mancham o azul estão imóveis. Por sobre o casario, desenhado a pincel, alonga-se o céu dolorosamente. Um rumor começa a crescer, são aqueles que acompanham a carroça que traz o condenado. Pouco a pouco, é uma onda tornando-se vozerio ensurdecedor. Mas dentre este som que parece refletir um crescente de morte e agonia, pode-se ouvir o som afiado, destacado e ritmado das rodas que, incertas, avançam. Aproxima-se o culpado. Por um instante, o espectador mais atento teria percebido um leve tremor nos lábios do Executor. Nada, todavia, que macule a solenidade a ser obedecida, a expectativa perfeita, a completa definição do que se iniciara com um crime cometido e que precisa, para seu fechamento, da dor infundável a ser aplicada ao corpo do condenado. Urge que o Executor seja perfeito em seu papel e uma tremura daquelas há de passar despercebida.

Finalmente, aponta a carroça (os oficiais à frente dela), sobre a qual equilibra-se o condenado, cujo corpo, que se adivinha esqualido, está escondido por um camisolão, enquanto os cabelos colam-se ao rosto em uma mistura presumida de suor e poeira das ruas. Agora, a multidão é uma só, tem vida própria e única, as individualidades não são percebidas, apesar do colorido desigual das roupas. Há uma opinião de grupos, alguns exortando ao cumprimento da pena, outros bradando por clemência em um eventual indulto. O Executor observa a chegada do condenado, mas sua atenção se perde também na magnífica presença do povo, povo que dá sentido à execução, espetáculo que se faz para ele, afinal, personagem principal. Passa-lhe pela mente o medo da população. Medo que o povo tem de ser punido e, por isto, acompanha e pede que a execução se faça; porque, repentinamente, os grupos, há um minuto discordantes, tornam-se uma só massa a pedir a punição. E blasfemam as mais cruéis formas de levá-la a efeito. Tentam ultrajar o condenado, desejando que seu corpo sofra vis atrocidades.

O Executor reflete sobre o medo do povo, mas não sabe explicar o porquê de sua reflexão. Em verdade, nunca se preocupara com isto, sempre imbuído e vaidoso de seu poder transmitido pela lei real de executar. Enquanto vê o condenado mais e mais próximo do cadafalso, as idéias que lhe vêm deixam-no um tanto vago, talvez estonteado pela agitação das pessoas. E ao olhar com estes olhos aquele homem magérrimo, patético em seu camisolão, um sentimento fúscula-lhe no peito. Tão desacostumado de tal processo de pensamento, não consegue, de início, identificar o que sente. De repente, a praça pública onde fora erguido o cadafalso, devastada em sua paz pela multidão feroz, parece-lhe pouco familiar. Às vezes, em noites tardias, passando ali, aprecia o silêncio das ruelas que nela desembocam, as linhas rudes mas firmes do casario, a taberna iluminada precariamente, o amarelado traduzindo aconchego. Agora, as pessoas fazem-na feia, ela perde sua limpeza na poeira levantada pela agitação dos pés que se movimentam. Novamente, olha o condenado e, por um átimo, seus olhos se cruzam. Pensa no crime que ele cometera; mais especificamente, no crime que lhe é imputado.

O Executor, pela primeira vez, está fascinado com a multidão. Ela não parece saber qual sua própria significação: ao pedir a morte e o sofrimento do condenado, somente o faz porque precisa ser presente. A população é solicitada ao suplício do condenado. Tomar a vida de outrem para que se possa purgar, limpar suas próprias entranhas maculadas pelo poder que as fizeram emperradas. O condenado é uma figura quase distante, não pertencente e, paradoxalmente, será (é) o alvo da população. Talvez sem um claro discernimento, o Executor tem medo ele próprio: vai executar não pelo rei; vai fazê-lo pela multidão. Ela a tudo comanda. Ela quer o poder do rei, quer sua lei, para que possa viver sem culpas, para que possa condenar, matar e ver matar, ser cúmplice sem sê-lo. Beber, depois nas tabernas para aplacar uma sede insaciável. O rei oferece o suplício da execução porque o povo o quer e, deste modo, mantém seu poder.

O Executor não percebe o que sente: é tomado pelo sentimento. Lança o olhar adiante, para além da multidão e se descobre desejando a fortuita vinda de um mensageiro com a carta lacrada que traria um indulto. Fixa o condenado e percebe que não consegue, naquele momento, odiá-lo; no entanto, quantas vezes antes executara sentenças dolorosas com extraordinária competência e prazer, destilando seu ressentimento ao ir aplicando, passo a passo, meticulosamente, todas as atrocidades de que se revestem as execuções. Foge-lhe essa disposição; olha e olha o condenado sem resgatar no interior de si mesmo esse sentimento único a lhe permitir levar a contento seu ofício. Houve momentos em execuções anteriores nos quais a população, ela própria, pedia ou desejava o indulto e tentava retardar a execução à espera de que viesse o mensageiro. Mas não, ironicamente, agora quando ele vacila, a multidão, esta massa ondulante de terrível presença, quer a execução, quer a definição; e de tal forma, que ele, apesar de procurar na memória, não consegue lembrar-se de situação anterior idêntica.

Então, adiante dele, como que na fímbria da multidão, uma figura pequena se destaca. Parecendo iluminar-se dentre a agitação enlouquecida em volta, um menino põe dois grandes olhos na figura enfraquecida do condenado. Os cabelos brilham, à luz do dia; ele tem uma postura reta, mas, apesar disso, não parece enrijecido. O rosto é da brancura dos anjos.

A multidão cresce; não aumenta, pois é já impossível em quantidade de pessoas: cresce em sua força intrínseca. Grita-se muito, agora. São impropérios, insultos dirigidos ao condenado; querem vê-lo ferido, precisam vingar-se nele, do rei. O Executor, como que saído de um surto que o tirara de sua posição e ofício, é tomado, repentinamente, pela voz da multidão: olha o condenado e vê, somente, a impessoalidade da figura significada por um camisolão. Dirige-se a ele: vai atenzá-lo. A população percebe a intenção: Delira. O menino, à agitação reinante, parece flutuar à frente do Executor, além da fímbria que o faz ser também, de forma aparente, parte da população. O Executor o vê, está muito perto. Um oficial se aproxima e, por um instante, dá a impressão de que vai tentar levar o menino ao anonimato da multidão. Entretanto, dirige-se a um do povo; empurra-o. Os cabelos da criança, encaracolados, brilham em meio à poeira que se torna ouro no ar e à claridade mortificante da tarde.

O Executor olha diante, mais uma vez, à procura de um eventual mensageiro. Curioso que se prenda à esta expectativa, quando, ao mesmo tempo, vê-se na contingência de atenzar o condenado, porque o tempo passa e ele, executor e representante da lei real, precisa agir em conformidade. É o paroxismo da multidão. Agora, somente à ela direito de impelir o Executor. Um direito que advém da vista grossa que permite a transgressão, quando esta não chega a destruir o instituído e, via de consequência, não há transgressão. Para ela, multidão, fazem-se as execuções, mesmo aquelas proibidas à audiência pública.

O menino está fora da multidão. Olha, neste instante, nos olhos do Executor. Ainda assim, este tenta aproximar-se de seu alvo: o corpo do condenado. É movimento de simples condicionamento ou da obrigação que lhe fora infligida pelo destino. Mas, como que a amenizar a sina, surge, na distância, o mensageiro do rei, traz um indulto. Está salvo o condenado. Acusado de matar o filho, em crime hediondo, vê-se, então, livre, quando já à beira da morte. O Executor respira. Acorrem-lhe à mente, lembranças dos comentários sobre o crime, do encaminhamento do inquérito. Fora morto um belo menino, de olhos claros, cabelos encaracolados, rosto de brancura angelical. A multidão mantém-se absorvida

em si mesma, a obtusidade de vazia frustração. Ele olha, procura na massa, que começa a fragmentar-se. Já não há porque reunir-se a populaça.

Por que o indulto? Aonde o menino, antes à fimbria da multidão?

## A GAROTA

“... O próprio homem, porém, tem uma propensão invencível a deixar-se enganar e fica como que enfeitiçado de felicidade quando o rapsodo lhe narra contos épicos como verdadeiros, ou o ator, no teatro, representa o rei ainda mais regiamente do que o mostra a efetividade...”

(Nietzsche)

Fora como uma nuvem. A imagem impregnando-se na retina. Um fluir até. Mauro olhava pela janela e, lá embaixo, a viu deslizar para o interior do prédio. Atrás dela, uma mulher extremamente gorda, cujo corpo estremecia a cada passo. E os homens começavam a tirar os móveis do caminhão e a carregá-los sem dificuldade.

A visão ficou na mente, assim como um filme a que se vê e do qual se gosta. Os cabelos eram castanhos, quase ouro, que tinham voado à brisa. Um rosto – isso também havia percebido – de intensa palidez.

Ele se preparou para o trabalho – vestindo-se e apanhando a pasta – com a garota no pensamento. Quando entrou no elevador, arriscou uma olhada e constatou que iam morar naquele andar, no apartamento da frente.

O dia foi de poucos clientes a serem atendidos e não havia nenhuma audiência no Fórum. Vadiou mesmo após o almoço pelas ruas da cidade, entrando em um livraria e outra. Voltou a casa pelas oito da noite e banhou-se demoradamente. A jovem pairando em sua cabeça de modo insistente.

Só três dias depois conseguiu efetivamente vê-la. Saía sozinha à praia e Mauro, após meter-se num calção, seguiu-a, rápido. Quando chegou ao calçadão, pensou tê-la perdido de vista. Passou a vista pelos banhistas, ansiosamente. Quase à beira d'água, vislumbrou os cabelos lisos que o sol tocava em tons dourados.

Alcançou a areia e começou a aproximar-se dela. De repente, veio-lhe a noção de sua própria idade – ultrapassara os quarenta – e a garota não teria mais do que quinze. Sentiu um ímpeto de voltar, mas, já então, podia perceber-lhe o corpo de neve, as coxas e pernas perfeitas alongando-se a delicados pés que tocavam o solo – por assim dizer – com carinho. Mais perto ainda, viu-lhe o rosto. Os olhos eram azuis, cristal, e pareciam captar toda a luminosidade da manhã. Os cabelos lisos emolduravam um rosto de ângulos extremamente sensuais, onde os lábios, finos e precisos, transpiravam determinação. Um nariz afilado dividia esse rosto. Refletiu que jamais vira um ser humano tão belo, e estranhou que ela usasse maiô, numa contemporaneidade de fio dental.

Apresentou-se, disse-lhe que era seu vizinho do mesmo andar e a garota lhe ofereceu um sorriso de dentes brancos e certos.

- O meu nome é Paula – informou ela, e sua voz – de uma suave rouquidão – parecia vir de estágios outros, pressupostos de desejo.

Conversaram muito e Mauro embriagava-se olhando aquele rosto mágico e sentindo o perfume que exalava do corpo da garota. Esse perfume parecia tomar-lhe de tal forma o olfato, que imaginou jamais poder desvencilhar-se dele.

Voltaram ao prédio juntos e despediram-se ao saírem do elevador, já no andar em que moravam. Apertaram-se as mãos e ele sentiu uma pele quente e macia. Olharam-se nos olhos mais profundamente: no olhar da garota havia uma promessa que Mauro assimilou, ato contínuo.

Nos dias seguintes, cruzavam-se amiúde no corredor, ou desciam juntos no elevador. E, apesar da eventual presença da mãe, Paula lançava a ele olhares que lhe penetravam o íntimo, impiedosamente. Nesses momentos, Mauro sentia-se em fogo e o desejo o sufocava. Até que certa manhã, os dois sozinhos no elevador, ela lhe pegou uma das mãos. Apertou-a com força. Olhou-o, convidando, e, depois de um sorriso malicioso, seguiu em direção à praia.

Foi, afinal, em um domingo chuvoso, que aconteceu. Mauro acabava de banhar-se e lutava com a porta do banheiro que teimava em não fechar-se. Acionando o trinco, ela se abria parcialmente. A campainha soou em dois toques. Era Paula, e usava uma mini-saia. Um fino pedaço de tecido azul lhe cobria os seios quase inexistentes. Este fato, inclusive, havia já chamado a atenção de Mauro, levando-se em conta o corpo da jovem, de resto muito desenvolvido.

Ela deslizou para o interior do apartamento, sem nenhuma palavra. Mauro fechou a porta, voltando-se. Paula aproximou-se dele e começou a beijá-lo. Tocava-o com os lábios, copiosamente, por todo o rosto, até que suas bocas se encontraram. A garota, com uma habilidade inesperada, meteu a língua entre os dentes de Mauro que, numa febre de gozo, mergulhava mais e mais no profundo azul cristal dos olhos de Paula. Não lhe olhava o resto do corpo; entrava naquela cristalinidade cheio de prazer. O pênis dele, enrijecido sob o roupão, como uma lança, saiu detrás do tecido e atingiu o abdômen da jovem. Num crescendo de volúpia, foram em direção à cama, no quarto.

Aí, renovaram-se as carícias e ele, alucinado, arrancou as roupas de Paula, que estava, agora, somente de calcinha. Ela, numa atitude que Mauro atribuiu a súbita reação de pudor, pôs as mãos sobre a região de seu próprio sexo. Apesar disso, beijou-lhe os seios inexistentes, as coxas volumosas, todo o corpo. Em extraordinário arrebatamento tentou tirar-lhe a última peça.

– Estou incomodada – informou ela.

O quê? – perguntou Mauro, meio sem entender.

Incomodada. Com regra.

As mãos dele ficaram agarradas ao nylon da calcinha, como se não soubesse que iniciativa, então, tomar. Paula, lentamente, virou o corpo, enfiando a cabeça no travesseiro e, com as mãos, abaixou a peça até às pernas. Mauro, atônito, fixava aquelas nádegas redondas e empinadas para ele.

Aí pode – disse ela, e sua voz vinha de estranhas paragens.

Ele nunca o fizera. Jamais praticara a sodomia. Algo dentro dele o fez hesitar. Mas, num arroubo, começou a introduzir o pênis naquela diminuta abertura, coma impressão de que iria rasgá-la. Entretanto, até que ejaculasse, era como se Carla abrisse seu corpo, magicamente. E se mexia, mexia-se, mexia-se...

Mauro deixou-se ficar na cama, estafado. Olhava um ponto no teto e não voltou o rosto para fixar Paula, ao seu lado. Percebeu-se estranho, como se, a partir daquele momento, passasse a ser uma outra pessoa.

A jovem levantou-se finalmente e seguiu para o banheiro, enquanto puxava a calcinha até à cintura, de costas na direção da cama. Fechou a porta atrás de si. Passaram-se alguns instantes e aquela porta, a mesma com a qual Mauro vinha lutando há tempos, abriu-se parcialmente. Ele, deitado ainda, pôde ver, estupefato, que Paula, de pé em frente à privada, urinava relaxadamente, segurando, com uma das mãos, seu pênis.

# O S U S T O

“Quão maravilhosas são as pessoas que não conhecemos bem.”

(Millor Fernandes)

Janaína era uma mulher atraente, carismática. Os cabelos negros, o nariz determinado e fino, os olhos verdes de água levemente estrábicos, davam-lhe, em parte, esta atração, este carisma.

Havia, no entanto, um senão: Janaína gostava de brincar. Brincadeiras desconcertantes, dessas tantas que desmoram os outros. Escondera roupas deixadas à beira de um lago por pessoas que, nuas, banhavam-se ali; trocara pautas de uma conferência sobre Psicologia, colocando os conferencistas atônitos.

Apesar disso, não se poderia supor que ela chegasse a tanto...

\* \* \*

Tonho estava ali, compenetrado, sentindo o silêncio da casa. Fazia frio, mesmo que ele usasse um casaco de couro e gorro de lã. A noite caíra rapidamente e as plantas faiscavam à luminosidade vinda dos postes. As luzes da residência permaneciam apagadas. Já há uma hora, ele observava, uma valise ao lado.

Os moradores eram um casal e Tonho os sabia ausentes, desde a noite anterior, em viagem. O “grampo” no telefone lhe mostrara isso. Fora fácil colocá-lo quando viera fazer “um serviço.” semana passada, com o uniforme da telefônica.

Lançou um olhar para ambos os lados da rua e, pegando a valise, atravessou. Seguiu até ao limite da casa, como se passasse distraído pelo local e, de repente, dirigiu-se a um portão lateral. Ágil, saltou sobre ele e se viu no interior do jardim. Os perfumes de várias flores invadiram-lhe as narinas. Todas as janelas tinham grades, mas as fechaduras nas portas, aparentemente poderosas, eram, na verdade, facilímas de serem abertas. Descendo a valise ao chão, puxou de dentro dela um arame e uma chave de ponta. Usando-os na porta dos fundos, viu-a abrir-se quase em seguida.

A luz da lanterna varreu os móveis de uma ampla sala. Tonho entrou, valise na mão, e atravessou o cômodo. Logo à frente, uma escada levava ao segundo andar. Já a usara antes, quando “checara” os telefones de cima. Agora, lançava-se, rapidamente, sobre os degraus, pulando-os de três em três.

Interessava-lhe, sobretudo, um cofre. Começava a vasculhar as casas pelo andar superior, com a intenção eventual de fazê-lo também na parte de baixo. Entretanto, sempre os encontrava logo. Isto, atribuía à sorte que tinha. Adivinhava cofres em residências muito ricas. Investigava também durante muito tempo a vida dos moradores. Estava agora na casa de um casal emergente e o marido adorava presentear a esposa com jóias caríssimas. Tonho torcia para que, pelo menos, parte delas estivesse descansando em algum cofre.

No patamar, viu-se em frente a um corredor ladeado por várias portas. Dirigiu-se à primeira e a luz da lanterna lambeu o interior. Ficou estarrecido. Em uma cama de espaldar alto, uma mulher dormia. A luminosidade da lanterna incidiu, tragicamente, sobre seu rosto imóvel. Tonho voltou ao corredor, apagando a luz e encostando-se à parede, atônito. Respirava forte, mas sem perder o controle. Pode, em questão de segundos, refletir que a mulher, cujo rosto fora atingido em cheio pela luz, não se perturbara em seu sono.

Dirigiu-se, rápido, para a escada. Começou a descer e estava a meio caminho da parte inferior da casa, quando estancou. O rosto da mulher na cama. Havia nele uma imobilidade de morte. Deu mais alguns passos. Retomou, no entanto, a imagem da mulher. Os olhos estavam entreabertos, podia assegurá-lo. Como que tomado por um impulso, girou sobre o



próprio corpo e subiu a escada. Chegou á porta do quarto e, acendendo a lanterna, lançou um fecho de luz no interior. O rosto dormia impassível. Tonho andou em direção à cama. Pousou, mesmo andando, a valise no assoalho. A luz iluminava mais e mais o rosto imóvel. Parou próximo a ele, finalmente. A boca entreaberta e dura, olhos vítreos. A mulher só podia estar morta. Era jovem.

E era ela quem recebia em vida as tais jóias caríssimas do marido. Investigara o casal um bom tempo e a vira várias vezes. Chamava-se Janaína. Tonho tentava raciocinar, rapidamente. Ouvira sobre a viagem nas conversas da mulher ao telefone, ou naquelas do marido. Chegara a segui-los ao Aeroporto na noite anterior; apenas não vira o embarque. Como poderia estar ela, ali, morta?

Uma colcha cobria a mulher até à altura do pescoço. Quase que instintivamente, ele puxou a coberta. Foi, então, que a jovem, virando o rosto, fixou Tonho, enquanto, erguendo os braços, agarrava-lhe o pescoço com as duas mãos. Tonho sentiu-se sufocar. Não que Janaína lhe apertasse o pescoço. Sufocava de susto, apavorado. Caiu, finalmente, para trás, sem sentidos.

## UMA TAREFA AGRADÁVEL

“No princípio havia o desejo, a primeira semente da mente”.

Hino da Criação – RIG Veda

Antônio olhou com seus olhos escuros o rosto gordo do patrão. A frase dançou-lhe na mente durante alguns segundos. Ouviu a voz do outro, rouca, repetindo:

- Isso mesmo, Antônio. Minha mulher está me traindo.

Carlos Quintino levantou-se da poltrona, empurrando para cima o corpanzil bem vestido e, aproximando-se da janela, apreciou através dela sua fábrica e sua riqueza.

- Não adianta todo o dinheiro do mundo. Ela está me traindo.

O empregado, motorista de muitos anos, constrangia-se com a confiança inesperada. Jamais surpreendera, em outras situações, dúvidas na expressão do patrão.

- Doutor, o senhor vai me desculpar... – disse. - Eu não posso acreditar que a madame...

- É a pura verdade, Antônio – retrucou Carlos. – O Ronaldo, aquele meu velho companheiro de faculdade, a viu entrando em um motel por duas vezes.

- Duas vezes?

- Duas vezes.

- Mas Doutor... então ele viu com quem... – Tiago desviou o rosto, agora abertamente desconcertado.

- Pode completar. Ele não viu com quem ela entrou no motel. Em verdade, ela se encontra com alguém lá dentro, porque nas duas vezes chegou usando seu próprio carro.

- Doutor,... perdoe minha insistência, mas a madame poderia ter ido lá por outro motivo.

- Outro motivo? Em um motel?

- Tanto tempo de casamento, Doutor... E tem a Aninha...

- Sim, nossa filha querida... – Carlos levou a mão gorducha à testa e seus olhos perderam-se além da janela. – É um golpe para mim, meu filho.

Antônio percebeu um brilho tocar as faces de Carlos, refletindo o sol da manhã que se filtrava através do vidro. Perturbava-se ao ver o homem para quem trabalhava havia dez anos, que supunha forte como uma rocha, deixar transparecer aquela fraqueza, demonstração sutil que fosse, por estar sendo traído pela mulher. Um sentimento qualquer, rápido como uma faísca, cortou-lhe o peito.

Carlos voltou-se e encarou o motorista.

- Antônio, você me serve fielmente, rapaz. Tenho-lhe grande carinho. Como a um filho que nunca tive... – E, avançando, pousou uma das mãos sobre o ombro do empregado.

- Obrigado, Doutor. O sentimento é recíproco.

Fixaram-se carinhosamente.

- Preciso pedir-lhe um favor, meu filho.

- O que o senhor disser.

- É importante que eu descubra quem é ele. Preciso saber! – Exclamou. – Sou um homem muito rico, mas não quero recorrer a detetives particulares. Não é de meu feitio. Só você pode me ajudar.

- Que devo fazer?

- Quero que você siga minha mulher. Que descubra quem é seu amante.

- Ah! Eu não poderia, Doutor... Seguir a madame...

- Antônio, sei de seus sentimentos em relação à minha esposa. Aquela ajuda dela à sua mãe, quando estava doente, e tudo o mais. Mas eu preciso de sua ajuda. Além disso, não quero fazer nenhum mal a ela... ou ao outro. Mas preciso realmente saber. Talvez, depois, peça o divórcio.

Antônio, segurando o boné com as mãos nervosas, seguiu até a estante e simulou olhar os livros. Incomodava-se ao ver o patrão tão absolutamente perdido na necessidade de saber quem lhe furtava os carinhos da jovem e bela esposa. Via-o, pela primeira vez, arrasado diante de uma situação irreversível.

- Veja, Antônio... aqui tem algum dinheiro para quaisquer despesas. Quero que se entregue logo à tarefa que estou lhe dando.

- Doutor... eu...

- Eu lhe rogo, Antônio! – disse, incisivamente, Carlos. – Eu lhe rogo!

O empregado olhou o patrão de modo profundo e, com um gesto brusco, apanhou o maço de notas. Saiu da sala, batendo a porta atrás de si, enquanto no recinto instalava-se um grande silêncio.

\* \* \*

À tarde uma chuva amena e aconchegante começou a descer sobre a cidade. O jovem, depois de ter vencido o sinal da esquina, manobrou o carro, fazendo-o entrar pela porta lateral do motel. Estacionou, de modo lento e carinhoso, em uma das vagas ainda disponíveis. Lépido, alcançou a escada que levava ao segundo andar. Atravessou o corredor, enquanto assobiava, baixinho, uma canção romântica. Bateu à porta de um dos apartamentos. A mulher, nua e branca, veio atendê-lo. Apreciou-lhe as nádegas levemente trêmulas, enquanto ela deslizava para a cama.

Instantes depois, afoito, Antônio mergulhava no corpo atraente de Madame Carlos Quintino. Entre uma carícia e outra, sussurrou-lhe ao ouvido:

- Hoje, minha querida, faço questão de pagar a conta. Questão absoluta.

## CROCHÉ

“Que eu guie a minha vida e que não seja ela que me guie.”

(Sêneca)

Lembro-me de “Vó” Marta em sua figura pequena e aparentemente frágil, nos olhos argutos atrás das lentes dos óculos e na extraordinária capacidade de trabalhar com as mãos suas costuras, crochês e bordados.

Recordo-me também dela no antigo Saco de São Francisco (\*), caminhando pela calçada principal e passando em frente ao Restaurante Lido, onde, com certeza, trocava algumas palavras com o velho garçom Brito, um homenzinho calvo e muito gordo, cuja habilidade de movimentar-se entre as mesas repletas de clientes, avizinhou-se daquela de “Vó” Marta nas costuras.

Ela, determinada, optara por morar em uma casa em São Francisco – que lhe sobrara de magro espólio deixado pelo marido falecido, meu avô Romero - , afastada da família. Em sua companhia, somente a velha Benedita, antiga empregada que se tornara amiga de uma vida inteira, simpática mulher de cabelos algodoados e exímia cozinheira.

Eu a visitava, vez por outra, levada pela mão de minha mãe e o que ficou registrado em minha mente foi a quantidade de panos bordados, de crochês, de toalhas primorosamente trabalhadas a transbordarem dos móveis, colocados por sobre poltronas ou guardando utensílios domésticos.

A casa de “Vó” Marta tinha uma varanda amena na Estrada da Cachoeira, protegida por vegetação espessa. Da cozinha (parecia que Benedita sempre nos esperava), fluía, constantemente, um cheiro de café recém-feito. Logo na entrada, junto à porta, havia um trabalho em Ponto de Cruz, sobre tecido branco, assinalando que aquela casa era “o lar de Deus”.

“Vó” Marta gostava também de ir ao mar olhar as ondas que vinham à praia, ou aproximar-se do pequeno cais em frente à Capela de São Francisco Xavier. Regularmente, dali mesmo, fazia suas orações erguendo os olhos à cruz que encimava a porta principal da igreja, devido à dificuldade de subir a rampa que levava ao adro.

- Por que estamos falando dela, agora? – Perguntei, fixando minha mãe na outra ponta da mesa, costurando.

(\*) o bairro, posteriormente, passou a chamar-se somente São Francisco, em Niterói-RJ.

Ela levantou os olhos muito claros e sorriu.

- Falando de quem? – Indagou,

- De “Vó” Marta.

- Falando de mamãe, você quer dizer.

- É, é o que quero dizer. – Redarguí.

- Olha, Paulinha, a gente não falava nela. Você, provavelmente, estava pensando.

- Tem razão. É isso mesmo. Eu é que estava lembrando da Benedita também.

- Talvez o motivo seja esse aí. – Disse minha mãe e indicou com a cabeça minhas mãos, enquanto eu trabalhava meu crochê. – Nós duas herdamos da mamãe o gosto pela costura – Completou.

Sorri eu mesma, concordando intimamente.

- Era uma mulher maravilhosa. – Afirmei.

- Era sim.

Permanecemos algum tempo absortas no ato de costurar.

- A Benedita, uma vez, me contou um caso...

- É mesmo? Me fala. – Pedi.

- Foi há uns dez anos, eu acho. Elas estavam em cada de noite, assistindo à TV. Mamãe, como sempre, fazendo seu crochê. Por volta das nove horas, tocaram a campainha. Benedita foi ver quem era e abriu a porta. Deu de cara com um rapaz, muito nervoso, e com um revólver na mão.

- Com um revólver?! – Exclamei.

- Um revólver. O rapaz entrou casa a dentro, desesperado. – Ele havia acabado de fugir da Delegacia, junto com outros presos e precisava se esconder.

- A delegacia de Charitas? – perguntei.

- Pr'a ser franca eu não sei, mas é bem provável.

- E aí?

- O rapaz disse que a polícia estava fazendo uma busca no bairro todo, atrás dos presos e ele ia ficar ali até quando amanhecesse. Benedita comentou comigo que nunca havia sentido tanto medo.

- E "Vó" Marta... – Eu disse. – Deve ter ficado com medo também.

- Não aparentava medo nenhum.

Minha mãe parou de costurar e olhou-me com firmeza.

- Isso é o mais impressionante, Paulinha! Benedita disse que sua "Vó" Marta não parecia nervosa. O rosto estava assim impassível, mas suas mãos minha filha, não paravam de trabalhar o crochê. Uma coisa... Frenética!

- Como se ela transferisse o nervosismo para o crochê! – Opinei.

- Isso, isso mesmo!

- Continua, continua! – Supliquei, quase.

O rapaz se certificou de que as duas estavam realmente, sozinhas. Olhou a casa toda. Depois, sentou-se em uma das poltronas da sala, de forma que pudesse vigiar tanto mamãe quanto Benedita, a quem pediu que lhe trouxesse café e alguma comida da cozinha. De onde

estava, podia vigiá-la junto ao fogão. Ela, Benedita, disse que enquanto preparava a comida, ouviu quando o rapaz perguntou à sua “Vó” porque ela não parava de fazer crochê. Mamãe respondeu que estava nervosa e que fazer crochê não ia fazer nenhum mal a ele.

Parece que posso vê-la mexendo os dedos e puxando o novelo pelo chão – Eu disse.

- É, é fácil ver isso... – Disse ela, não sem uma ponta de tristeza.

- Então...

- Bem, Benedita trouxe a comida e o café e o rapaz se alimentou. Depois, ficaram ali sentados, pelo menos umas duas horas. Aí, bateram na porta. O rapaz saltou da poltrona. Ele mandou Benedita ficar sentada, quieta, e disse à mamãe que fosse atender. De trás da porta, apontava a arma pr’a ela e olhava seu rosto. Era um policial, lá fora.

- Ele olhava o rosto de “Vovó” pr’a que ela não fizesse nenhum sinal. – Concluí.

- Exatamente. Ela ficou de frente pr’o policial, com o crochê nas mãos, mas não podia demonstrar nada, coitada. O Policial disse que uns presos tinham fugido da Delegacia e que estava havendo uma busca para pegá-los. Sua avó informou que não havia ninguém lá. O policial ainda perguntou se podia olhar a casa e ela alegou que era uma casa pequena, um quarto só, etc, etc. Que não havia ninguém! O policial se deu por satisfeito e foi embora.

- Que coisa! Como eu nunca soube disso? – perguntei.

- Não sei bem... Você era muito pequeno na época. Benedita me contou o caso uma vez. Mamãe nunca. Acho que ela se preocupava com os filhos, eu e seu tio, de ficarmos insistindo para que ela viesse morar conosco, com a família, por causa do perigo, sei lá...

- Como foi que terminou tudo, afinal? – Desabafei.

- Olha, disse a Benedita que o rapaz e mamãe voltaram a se sentar assim que o policial se foi. Minha filha, não demorou meia-hora, e dois policiais apareceram da cozinha e pegaram o rapaz, que não teve nem tempo de reagir.

- Eles entraram pela cozinha?

- E, por uma janela pequena. Usaram pé de cabra, não sei, com muito cuidado e em silêncio, é claro.

- Meu Deus do céu, mãe, como eles souberam que o cara estava lá, o preso? – Perguntei, aflita.

- Benedita ia me falar sobre isso mas nunca contou. Eu estava com viagem marcada para a Europa logo no dia seguinte ao acontecido e, realmente, viajei, claro que sabendo que as duas estavam perfeitamente bem. Quando voltei nunca perguntei. E sempre havia mamãe, não querendo falar sobre o fato pra que a gente não ficasse chateando ela, você sabe...

- Bem, agora não vamos mais saber. – Eu disse. – Elas já se foram, afinal.

“Vó” Marta, realmente, nunca saiu de meu pensamento. Lembro-me dela muito por força da costura, do crochê particularmente, trabalhos que eu e minha mãe amamos e que herdamos daquela simpática velhinha. Os panos maravilhosos que me fascinavam quando os via na casinha da Estrada da Cachoeira, têm a ver com esta lembrança que me aquece o coração.

Há poucos dias, minha mãe me indicou um baú guardado em nossa casa há muitos anos, no qual, ela assegurou, eu encontraria muitos bons trabalhos deixados por “Vó” Marta. Fui abri-lo. Eram trabalhos primorosos que haviam sido guardados com esmero, muito bem

dobrados. Eu os ia tirando um a um do baú, encantada. Finalmente, um deles me chamou a atenção, porque parecia inacabado. Abrindo-o de sua dobradura, pude perceber que se tratava de uma toalha cujas extremidades haviam sido feitas em croché, mas o que parecia tê-la deixado inacabada eram algumas linhas que fugiam ao ritmo da costura. Estas linhas formavam as palavras "Ele está aqui".

## SPIRIT

“Jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável (...) para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para seu próprio prazer pessoal e para proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer.”

Albert Einstein

Kun, depois de esfregar os olhos com o polegar e o indicador, como se cansado ou cheio de enfado, passou suavemente uma das mãos sobre o acionador para ativá-lo. Logo, na tela megadigital à sua frente, apareceu o rosto de Fron, com um sorriso pregado nos lábios.

- Você parece tão enfadado quanto eu – disse Kun, olhando o outro com indiferença.
- Enfadado! – exclamou Fron. – Esse conversório é muito antigo. Anterior ao ser humano explosão.
- Não, não e não! – retrucou Kun, explodindo em uma gargalhada. – É ainda do homem explosão, mas acho que se pode dizer que é de uma época, na qual ele não pensava tanto assim em explosões. Mas está em onda, agora.
- Kun, vamos ficar atentos – opinou Fron. – quando esses conversórios novos começam a ficar freqüentes, as energias tendem a estremecer os grandes espaços de vitaminação (I)
- Bem, vamos ao que interessa – cortou Kun. – Tudo está preparado para as levas de hoje?
- Tudo, tudo preparado.
- Finalmente, vamos chegando ao final.
- É verdade. Na Saturno (2), tudo terá terminado.
- Será a última leva? – perguntou Kun.

Fron contraiu o rosto, iluminado pela grande tela, como que demonstrando desagrado, ou surpresa.

- Atenção sócio Kun (3). É preciso estar atento. Já não há espaço para projeções!
- É verdade, é verdade, Fron. Preciso estar atento.
- Saturno é o dia da finalização(4)
- Bum !!! – fez Kun com a boca, mas sem emitir nenhum som.

Fron levantou as sobrancelhas, novamente chamando o sócio à atenção.

- Tudo bem, desculpe!
- As levas(5) terminam amanhã!
- Por estrelas ! Amanhã! – vibrou Kun. – Vou poder descansar.

Houve uma pausa na conversa, algum sentimento pairando entre eles, mas já não se sabia como chamá-lo. Talvez um certo desconforto, uma insatisfação enevoada, um constrangimento. Não se arriscaram a verbalizar o que pensavam, algo como “Será que fomos éticos?”



- Assim é – disse, finalmente, Fron. – Amanhã chega a última leva de nossos sócios(6). Na Saturno, finalizamos a terra.

- Temos que reconhecer que o trabalho em Marte foi muito bom, não é? – aduziu Kun. – “Algas são algas e sempre serão algas.”(7) – cantarolou From, alegremente.

- É a mais pura verdade – opinou Kun. – Não posso deixar de admitir uma certa...

- Nostalgia? – auxiliou Fron.

- É, penso que sim, mas a palavra é anti-história (8)

- Nostalgia é língua rápida (9).

- Preciso voltar à comunidade (10), Fron – informou Kun. – O trabalho começou mesmo quando?

-2004, com aquela... Como se chamava?

- É, tinha um nome estranho... Como era?

- Spirit.

- O que queria dizer mesmo?

(1) Grandes espaços de vitaminação: locais nos quais, em 4002, as pessoas vão para a diversão, através de relacionamentos sensoriais pós-beijos e muitas bebidas de energia cósmica.

(2) Em 4002, os dias da semana são substituídos por nomes de objetos do espaço universal. Saturno ( se é que isso tem alguma importância aqui), refere-se à segunda-feira.

(3) A palavra “sócio substituiu a palavra “amigo”.

(4) Finalização – Em 4002, quer dizer explosão.

(5) Grandes deslocamentos de seres da terra.

(6) Aqui, sócios tem a conotação de membros de um mesmo País.

(7) Em 4002, esta citação se torna muito popular e brincalhona. Algo como “Quem sabe, sabe, conhece bem, ,etc,etc.

(8) Diz-se de termo secularmente antigo.

(9) Termo usado para algo que se resolve rapidamente. Talvez equivalente a “Café pequeno.”

(10) Não são necessárias maiores explicações.

NOTA DO AUTOR: No ano 2004, começaram as explorações mais diretas do planeta Marte, através da Sonda Spirit, a qual, no dia 15-01-2004, andou três metros no planeta vermelho. Daí pr’a frente, fez muito mais. Também em 2004, experiências pareciam demonstrar que as algas seriam capazes de sobreviver às baixas temperaturas de Marte.

## O MILÉSIMO GOL DO TOMÁSIO

(...) Acidente controlado, de fazer exatamente a coisa certa sem qualquer esforço ou intenção autoconsciente (...)

Alan Watts.

O grito de Onofre era o mais forte do Maracanã. Punha nele a vida inteira, todas as dores, as costas cansadas e a rotina do escritório. É claro que não se destacava no universo da torcida, onde a explosão do gol produzia um som ensurdecedor. Entretanto, para ele isso não importava: seu grito era o mais poderoso.

Olhou, rapidamente, o relógio de pulso: dez horas. Domingo de Manhã, Fla – Flu à tarde. Apalpou no bolso o bilhete comprado com antecedência prudente e segura. Estava no bar da esquina, as garrafas enfileiradas, sedutoramente, nas prateleiras, o rosto nordestino do empregado atrás do balcão, alguns homens bebendo.

- Oi, Onofre! – Gritou uma voz, lá do fundo.

- Oi! – Respondeu ele.

- É hoje, Onofre! Fla – Flu! Vai ter Tricolor na parada!

- É ruim, heim! Hoje só dá Flamengo! O Mengão vai botá pr'a quebrá! Já é campeão!

- Gol de quem? - Perguntou um outro, adiante.

- Do Tomázio! – Informou Onofre. – Ele vai fechar os mil, meu irmão!

Houve uma pausa e ele olhou as garrafas à sua frente. Hesitou. Talvez não devesse beber ainda. Não podia embriagar-se no dia do Fla – Flu. Queria – precisava! – ver o jogo de qualquer maneira.

- Manda um café aí, Paraíba! – Exclamou, com convicção.

Quando entrou em casa, mais tarde, mal abriu a porta, a mulher veio em sua direção com aquela expressão no rosto tão familiar a ele, que só podia ser anúncio de desgraça.

- O que é, Matilde? - Perguntou, logo.

- O Paulinho, Onofre! Ah, meu Deus, caiu de bicicleta!

- Cadê ele?

- Tá no Hospital!

- No Hospital? Você só pode estar brincando! É grave?

-Acho que não, mas vai ter que levar ponto.

-Meu Deus do Céu! E você num tá lá com ele?

- Já vem recriminação, Onofre? Até nessa hora? Num tá vendo que fui pegar a bolsa? O Jairo taxista levou ele pr'o Pronto-Socorro.

-Eu vou com você! –Exclamou Onofre, puxando a mulher pelo braço.

O Pronto-Socorro ficava a três quarteirões e Onofre, já agora arrastando Matilde, dirigiu-se para lá. Olhou, num lampejo, o relógio de pulso: 12:10."Deixa de bobeira, Onofre.", pensou consigo mesmo. "É cedo, paca!". Entretanto, ao passar pela recepção, não deixou de lançar uma rápida prece à imagem de São Sebastião presa à parede: "Não posso perder esse jogo, que Deus me perdoe! Sei que o que interessa é o bem estar de meu filho. Desculpe, São Sebastião!".

- Vocês são os pais do menino da bicicleta? - Perguntou um homem de jaleco impecável em meio a balburdia do Hospital. – Sou o Dr. Salvador.

- Como é que ele está doutor? - Perguntaram a uma só voz Onofre e Matilde.

-Ele levou um tombo de bicicleta. Quer dizer, eu não vi o tombo – zombou o Doutor como sempre fazem os médicos nessas horas -, mas o taxista disse que foi de bicicleta.

-Como é que ele está, Doutor? - Insistiu Matilde.

- Olha, ele bateu com a cabeça e machucou o nariz. Nós fizemos curativo no nariz, para evitar um desvio de septo. Aí, não parece ter nenhuma gravidade. Quanto à cabeça, nós tiramos uma radiografia.

- A cabeça é perigoso, não é não, Doutor?

-Vamos esperar a radiografia – disse o médico. – Sentem lá na sala de espera. A enfermeira vai chamar logo. Façam o registro na recepção, enquanto isso...

-Muito obrigado, Doutor – Agradeceu Matilde

- Muito obrigado, Doutor – Agradeceu Onofre.

Ficaram muito tempo sentados e imóveis. A sala de espera, na verdade, era um grande salão onde as pessoas se aglomeravam no desespero do atendimento. Onofre observava tudo em volta, desconsolado e preocupado com o filho. Olhou para Matilde, percebeu-a velha como ele próprio. Pôs sua mão sobre a da mulher. Ela lhe retornou um sorriso apagado. Ele, ou, mais precisamente, seu braço, ergueu-se e mostrou as horas: 14:25.

Fora, passavam veículos e gritos: "MEEENNNNGOO!" "MEEENNNNGOO!" "MEEENNNSEE!" "MEEENNNSEE!" Onofre conseguia ver, por uma porta, o desfile de bandeiras que transbordavam dos carros.

Uma mulher se aproximou deles, em um uniforme branco, o qual acentuava sua pele negra. Trazia nas mãos uma prancheta.

"Como é bonita!", Pensou Onofre.

-Seu Onofre Quintino da Silva?-Perguntou a enfermeira.

-Sim, senhora.

-E o nosso filho? – Adiantou-se Matilde.

- Foi feita uma radiografia, mas ainda é preciso outra coisa.

-Outra coisa?

-É, uma tomografia. Logo, logo eu trago notícia pr'a vocês.

A mulher afastou-se tão rápido quanto aparecera.

-Tomografia... – Cismou Onofre, olhando para Matilde. – Em Hospital Público... Meu Deus, é coisa grave!

- Vamos rezar! Vamos rezar! – Exclamou Matilde, adiantando-se ao desespero.

E rezaram. Quando o relógio de Onofre marcou as 16 :00 horas, ele começou a ouvir, na distância, a voz de um locutor esportivo narrando o jogo. Tocou, através do tecido da calça, o bilhete em seu bolso, desesperançado.

Às 17:00 horas, voltou a Enfermeira.

-Tudo bem. Ele está fora de perigo. Só vai ter uma bruta dor de cabeça.

Matilde e Onofre, aliviados, levaram Paulinho para casa. O menino já repousava, quando ele se encheu de coragem.

- Matilde... Posso? - Implorou Onofre.

-Vá, Onofre, vai,vai lá... – Respondeu Matilde, que, com a recuperação do filho, fazia-se condescendente.

E Onofre disparou para o Maracanã, por graça de Deus, próximo à sua casa. Não ouvira nenhum grito de “GOL” desde que entrara no Hospital, portanto, o placar só poderia estar em 0x0.

Ao alcançar a rampa e, logo depois, vislumbrar a explosão da torcida e os jogadores no campo, foi que olhou o relógio: 18:05.

- Tá na prorrogação? - Perguntou.

- Tá! 0x0! – Alguém informou.

Foi quando Tomázio avançou sobre a área do Fluminense, chutou inapelavelmente e marcou o seu milésimo GOL.

O grito de Onofre era o mais forte do Maracanã. Punha nele a vida inteira, todas as dores e, agora (Por que não? ), o alívio de saber Paulinho fora de perigo.

“GOOOOLLLL!”

# I M I G R A N T E

“ O mulato maranhense dizia as saudades do seu coração, tudo o que mais amava com as íntimas energias do seu ser humano. E cantava num tom que era um longo soluço:

Adeus, campo, e adeus mato,

Adeus casa onde morei!

Já que é forçoso partir,

Algum dia te verei.

(CANAÃ) Graça Aranha.

A principio – entre o despertar e a vigília - , eu bem podia estar acordando em Ipatinga. Era uma só nesga de pouca luz filtrada pelo vidro quebrado e empoeirado, mas o ruído de um trem lá fora – inconfundível, martelado - , trouxe – me logo à realidade do quarto infecto. Um inseto volteou sobre minha cabeça, quase formando uma aura e foi estatelar-se na parede mais próxima.

Suzana surgiu do banheiro, difusa à minha perspectiva sonolenta, não sem antes apoiar-se com as duas mãos nos batentes da porta. Seu rosto estava tão pálido que pensei que ela fosse desmaiar, mas não: veio em minha direção – eu deitado ainda – e deixou-se cair ao meu lado. Os olhos dela estavam opacos e, apesar disso, lindos naquele azul de água. Sua tez era tão branca, que parecia iluminar-se.

- Caramba, como você está pálida ! – exclamei.

Ela, simplesmente, deitou-se de barriga para cima, arrancou a blusa por sobre a cabeça, deixando à mostra os seios pequenos. Era também assim em Ipatinga.

- Como a gente conseguiu? – ela perguntou.

- O quê?

- Como a gente conseguiu. Todo mundo foi preso.

- Todo mundo, não.

- Uma porrada !

- Sorte, uai!

Ela olhou em torno.

- Esse quarto... Não parece sorte. – concluiu.

A porta estalou, de repente, e eu me voltei.

- É o vento – eu disse.

- Ninguém vai ajudar a gente...

- Poderão vir nos prender.

- Não era preciso existir fronteiras - filosofou ela. Suzana sempre filosofava na cama, em Ipatinga.

- Não devia existir.

Levantei-me e fui até à mesa que ficava num canto e cuja sujeira parecia misturar-se àquela da parede. Procurei o resto de alguma coisa em uma caneca de alumínio.

- Quando vem o homem? – perguntou Suzana.

- O coiote?

-É, ele.

- Logo de manhãzinha. Vamos pelo deserto. Ele vai nos ajudar.

- É garantido? – ela quis saber.

- Não sei o que pode ser garantido – respondi. – Ele garante, mas não sei quanto vale a palavra dele. Vamos por uma rota maior, de doze horas. Ele disse que é mais seguro.

Indiquei a ela a caneca, oferecendo-lhe o que bebia. Suzana fez uma careta.

- Coiote, coiote! Que merda! – desabafou ela.

- Que foda! – completei. Suzana sempre me dava forças para praguejar.

- Nome feio, coiote. Parece... traição.

- Agenciadores de imigrantes ilegais, é o nome deles – informei. – São perigosos. Estupram e tudo o mais. Temos que ter cuidado.

Suzana alteou a voz.

- Porra, Tonho, não há como ter cuidado. É jogar com a sorte. Só espero que ele leve a gente mesmo.

- É, alguns já foram enganados.

- Porra, você é bonzinho! Morreu gente adoidado!

Fiquei olhando para Suzana e parecia que ela não me podia ver. “Que dor de saudade!”, pensei.

- Vem cá – ela acenou para mim.

Ao aproximar-me dela – ao sentir-lhe o corpo macio colado ao meu, os seios pequenos tocando meu peito – pensei o quanto era estranho estarmos ali, em um país estrangeiro que só nos queria devorar e, no entanto, prontos para o sexo. E como a perspectiva de fazer amor era maravilhosa, apesar do quarto fétido e do pouco espaço. Eu não podia deixar de pensar que, de certa forma, éramos especiais, considerando-se quantos haviam tentado atravessar a fronteira do México e tinham sido presos ou mortos, crianças e mulheres estupradas.

- Oh, Deus, isso é bom! – gritei. Senti que me vinha o orgasmo, uma de minhas mãos apoiadas na cama e a outra segurando meu pênis.

Permaneci ainda sobre ela, como se fosse a minha última esperança de entender o que eu estava fazendo ali, fora do raio de visão de minha mãe.

Bateram à porta. Três toques tão fortes, que me transportaram a badaladas de um sino em uma das igrejas das Minas Gerais.

O homem, fora, tinha olhos turvos como os de um lobo e sua estatura pequena deu-me a impressão de que, em verdade, não existia ali, \à soleira de minha vida.

- Brazuca... – ele murmurou e era como se não soubesse o que estava dizendo; parecia repetir o que ouvira alhures, não tinha voz definida ou sotaque.

A palavra me doeu dentro.

Voltei-me, peguei de uma sacola e entreguei a ele o dinheiro. Conferiu, cuidadoso. "Coiotel!", pensei com raiva.

Ele, simplesmente, acenou-me com a cabeça para que o seguisse. Eu o fiz, sem nenhuma reação, sem palavra, sabendo o que aconteceria. Provavelmente, teria sido muito mais fácil entregar-me à polícia, mas eu já não queria aquele dinheiro de qualquer forma, só queria voltar para Suzana e a seus braços e ao raio de visão de minha mãe, apesar dela ter partido há muito tempo.